

A ruptura da sexualidade masculina em uma educação emancipatória

La ruptura de la sexualidad masculina en una educación emancipadora

The rupture of male sexuality in an emancipatory education

Danilo Espindola Catalano¹

Resumo:

O presente artigo explicará a relação que se estabelece entre a sexualidade masculina e uma forma de educação emancipatória que, com base principalmente em Paulo Freire e Theodor Adorno, busque estabelecer uma relação entre a educação e a sexualidade do ser masculino, permeando seu corpo e as formas “proibidas” que se impõem ao homem, ditando regras para a sua sexualidade, no que ele pode ou não realizar, não deixando de lado a questão da objetificação feminina e sua relação direta para com as regras que se estabelecem para que haja uma ordem social, que indique o que o masculino deve ou não fazer diante de sua sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade; Masculinidade; Educação; Educação emancipatória.

Resumen:

Este artículo explicará la relación que se establece entre la sexualidad masculina y una forma de educación emancipadora, que, basada principalmente en Paulo Freire y Theodor Adorno, busca establecer una relación entre educación y sexualidad del ser masculino, impregnando su cuerpo y formas "prohibidas". que se imponen a los hombres,

¹ Especializando, Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais Brasil, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: profesordanilocatalano@gmail.com; Cel: +55(11) 96566-5702; Instagram: @catalas65. Membro associado do Centro Latino-americano de Estudos em Cultura (CLAEC).

dictando reglas para su sexualidad, en lo que pueden o no pueden hacer, sin dejar de lado el tema de la objetivación femenina y su relación directa con las reglas que se establecen para que exista un orden social, lo que indica lo que el hombre debe o no debe hacer frente a su sexualidad.

Palabras clave: Sexualidad; Masculinidad; Educación; Educación emancipadora.

Abstract:

This article will explain the relationship established between male sexuality and a form of emancipatory education, which, based mainly on Paulo Freire and Theodor Adorno, seeks to establish a relationship between education and sexuality of the male being, permeating his body and "forbidden" forms that are imposed on men, dictating rules for their sexuality, in what they can or cannot do, not leaving aside the issue of female objectification and its direct relationship to the rules that are established so that there is an order social, which indicates what the male should or should not do in the face of their sexuality.

Keywords: Sexuality; Masculinity; Education; Emancipatory education.

1. Introdução

Neste presente artigo iremos explicar sobre as formas pelas quais a educação pode tornar-se emancipadora, ou em certa medida libertadora, para que, desta forma, os indivíduos masculinos possam marcar uma ruptura em tudo aquilo que lhes parece ser proibido e/ou controlado na sexualidade em nossa sociedade patriarcal.

Contextualizaremos de maneira que supra a possível ruptura, o problema pelo qual perpassa a sexualidade masculina, seja ela no sentido sexual, social ou cultural, perpassa sistematicamente por um processo paradoxal em que o mundo regido pelo homem, acaba sendo prejudicial para ele mesmo. Não podemos negar, que problemas de ereção ou ejaculação precoce, além de impedimentos de uso de partes do corpo para a excitação sexual e individual, existem constantemente no dia a dia do ser masculino.

Tendo em vista minha realidade pessoal, como homem e pesquisador, acredito ser pertinente aludir alguns momentos presenciados no meu cotidiano para enriquecer ainda mais a pesquisa. Como por exemplo, brincadeiras tidas como “homossexuais”, ou até

mesmo formas estabelecidas de frases explanadas por mim, que já foram julgadas, por um padrão pré-estabelecido do que é homossexual e o que é hétero. Parecendo que há uma linha tênue e fina, como um fio de cabelo, que se perpassada pelo homem, este possa mudar, espontaneamente, até mesmo de gênero.

Desta forma poderemos iniciar o debate, pelo qual propomos, estabelecendo a educação popular como principal fonte emancipadora destes padrões estabelecidos do homem, pelo homem, para o próprio homem, mostrando-o que ele não está inserido em um padrão, mas que pode ser o que ele quiser, da forma que quiser e como quiser. Para tal, será importantíssimo o uso de conceitos e reflexões de Paulo Freire, para deixamos claro, o que seria e para que veio essa educação, dialogando com a educação emancipatória de Theodor Adorno, que marca em sua entrevista o caráter de emancipação social dos indivíduos ao se relacionar com tudo aquilo que a educação poderá lhes proporcionar.

Perpassaremos por uma rápida dedicação do que seria sexualidade, apropriando-nos do autor mais conhecido em relação ao tema, Michel Foucault que estabeleceu, surpreendentemente, uma reação entre história e sexualidade, que será suficiente para que possamos entender a sua forma na sociedade ocidental e, principalmente, sua relação para com a educação. Nos deteremos aos detalhes relacionados ao homem, ao ser masculino da sociedade, pensando como ele se estabelece e por que ele se estabelece, tendo como relação partes da ideia de maior conhecimento sexual do ser masculino pelo psicólogo estadunidense, Barry McCarthy.

Tendo em conta estes, principais e suficientes, pontos apresentados, estabeleceremos uma relação na qual, eles serão importantes para responder se a educação pode ser emancipatória, para que os poderes estabelecidos como ordem patriarcal na sociedade possam ser supridos.

Será importante este trabalho para pesquisas posteriores sobre a masculinidade, pois ele responderá a futuros ou recentes educadores populares, se sua educação, é suficiente ou até fundamental, para que ordens sociais realizem uma aparente ruptura, o que sobretudo, neste artigo, será especialmente sobre a sexualidade masculina. Este objeto de pesquisa, é tão amplo, que pode ser expandido para diversos outros problemas ou ordens sociais, que regem sobre os indivíduos, assim como, o machismo, questões de classe social entre outras.

Responder à questão de, se uma educação pode ser emancipatória para estabelecer uma ruptura das demasiadas ordens estabelecidas por sobre a sexualidade masculina? É por si só, mostrar que talvez, a liberdade e a educação, estão ligadas diretamente em contraste com a igualdade social.

2. Educação emancipatória

A educação deve ser um meio de reflexão da realidade na qual vive o indivíduo, pois em seu dia a dia, ele reflete tudo aquilo que aprende pelo senso comum, como uma forma de aprendizado e entendimento do mundo através da relação individual. “[...] A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos.” (FREIRE, p. 40, 1967)

Refletir sobre tudo aquilo que percebe em sua realidade, essa capacidade, é meramente humana, nenhum outro animal consegue, por meio da reflexão do meio em que vive, entender e transmutar a sua realidade em conhecimento. No caso de outros seres, só contém a forma reflexa, que se dá pela convivência, sendo ela a sua realidade. “[...] Portanto, enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem o é da integração. (FREIRE, p.42, 1967)

É cômodo, tanto para outros animais quanto para o ser humano, ter a sua realidade, ou o que eu chamei de senso comum e não refletir ou ir além disso, por meio das relações sociais, que estabelecem-se por meio da educação, que sobre tudo, como nos indica Paulo Freire (1967), se dá principalmente por uma dupla relação de educando e educador, estabelecendo um conflito entre duas realidades, que se mesclam, sem que um seja superior ao outro, mas relacional, em que haja uma troca tanto de realidades, quanto de reflexões sobre estas.

A consciência crítica “é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais”. “A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada.” (FREIRE, p.105, 1967)

É suficiente pensarmos em educação, como uma prática de consciência, em que o indivíduo se transmuta de tudo aquilo que lhe é comum, ao seu olhar, ou do senso comum,

para que, com o apoio do educador, possa se incomodar e começar a reflexionar sobre este mundo em que vive, tornando-se um ser com consciência crítica.

[...] Mesmo correndo o risco de ser taxado de filósofo, o que, afinal, sou, diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. (ADORNO, p.181, 1969)

A educação emancipatória aparece em relação direta a uma energia, que está no indivíduo, criando nele uma resistência, ou uma contradição na ordem estabelecida socialmente, que o faz querer agir contra ela. Isto é, pensar em uma ação emancipatória, é ter a intenção de desmistificar ou até mesmo, desestruturar a ordem social estabelecida. Que se assemelha ou se aproxima do seu caráter libertador, que indica Paulo Freire (1981), “como resultado do conhecimento do mundo em que vive, possibilitado pela reflexão e pela crítica a realidade de cada um”, o que a meu ver, parece ser o resultado do que comentamos ser o seu caráter emancipatório.

Em relação como a forma educacional, ela expõe categoricamente, seu caráter emancipatório, quando o educando e o educador, se apropriam de suas reflexões estabelecidas, para que haja uma mudança significativa para a sociedade em que vivem, marcando uma mudança substancial em suas realidades compartilhadas. Seria por assim dizer, tornar a educação como uma ação social, que possa inclusivamente estabelecer uma relação “melhor” entre os indivíduos que compõem a sociedade.

3. Sexualidade masculina

Sobre a sexualidade, nos apresenta Michel Foucault:

[...] A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o esforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, p.100, 1999)

Há uma relação direta da sexualidade como um fator histórico, por ser o ponto de partida da compreensão que desencadeiam entre os corpos internos ou externos ao ser, que estabelecem por conta de saberes e poderes, estes que se reconhecem, pois ela estabelece um ponto de conhecimento. Este conhecimento desencadeia entre os seres o autoconhecimento, mas até mesmo o conhecimento externo, de poderes, que daremos enfoque maior nesta pesquisa aos de controle, àqueles que impedem ou incitam um discurso específico sobre os corpos, em especial ao corpo masculino.

É por meio da sexualidade que podemos compreender de maneira histórica e social as formas de controle estabelecidas em uma dialética de poder e saber, que se estabelecem diretamente, para que, por exemplo, um homem específico descubra sua posição social em determinado momento histórico, pois o homem do século XVI é diferente do século XXI. Ou seja, os poderes e saberes se modificam ao passar do tempo, por algum agente, que aqui, poderemos supor que é a educação.

Parece ser necessário que os homens, mesmo não sabendo nada sobre as atividades sexuais, tenham a necessidade, cultural e religiosa, de dizerem que sabem tudo sobre o ato sexual e são os “professores” sobre o assunto, que caso não conheçam ou não tenham conhecimento em alguma coisa, (o que por si só é normal, pois ninguém é obrigado a saber tudo, mesmo que neste tema, pareça que o homem é obrigado e ter tal “superpoder”), acabam por serem vistos como impotentes. “[...] Muitos homens geralmente bem informados e sofisticados continuam a aceitar sem questionar certas crenças a respeito do sexo que, na verdade são completamente falsas.” (MCCARTHY, p.12, 1981)

A impotência é algo que em se tratando de sexo, o homem não pode ter, seja no ato em si, em se tratando de seu órgão genital ou até de seu conhecimento teórico sobre o processo. O autoconhecimento, também parece ser algo que caso o homem não tenha, sua masculinidade está sendo infringida e posta à prova. “[...] Não só se espera de nós, homens, que tenhamos amplos conhecimentos sexuais, sem termos recebido instrução adequada, mas também se espera de nós que tenhamos “aquele” desempenho impecável, em todo encontro sexual.” (MCCARTHY, p.16, 1981)

Falando de uma forma ampla de homem, que perpassa suas especificidades, sejam elas raciais ou individuais, todos somos de alguma forma controlados a saber sobre as questões sexuais, seja no momento do ato ou até na hora de conversar sobre ele com alguém aleatório. Como se fosse impossível, em nossa sociedade patriarcal e machista, que o homem tivesse problemas de ereção ou até mesmo, tivesse sentimentos e em alguns

momentos acabe não dando “prazer” aos seus parceiros. “[...] Está em jogo, antes de mais nada, uma narrativa idealizada sobre si, fundada na impossibilidade de aceitar o fato de que o mito é, e sempre foi uma farsa.” (AMBRA, p.19, 2019)

Parece ter havido uma era em que os homens poderiam fazer o que queriam na sociedade em que vivem, que eram a pura expressão da liberdade, fazendo e realizando tudo aquilo que tem vontade, sem proibições aparentes, mas, isto por si só é um mito, que ele não consegue se desvencilhar, por estar constantemente acreditando que era a sua realidade passada e que a nova existe para cada vez mais proibi-lo de realizar estes atos, infringindo a sua liberdade individual como ser e agente desta nossa sociedade.

Talvez seja por isso, que constantemente, nós homens estamos sendo bombardeados por uma ordem social, que nos estabelece como conhecedores das artes sexuais, sempre tendo que estarmos prontos para ter um órgão genital viril e necessariamente eficaz. “O tamanho de nosso equipamento sexual, o número de gozos que podemos alcançar, isto é o que nos preocupa, e não quanta alegria podemos extrair da experiência sexual.” (MCCARTHY, p.16, 1981)

Que homem nunca sofreu em relação a “piadinhas” pejorativas, a exemplo, caso um rapaz saia com uma mulher e vai contar a seus amigos, mesmo que este momento que teve não tenha dado certo por impotência, falta de libido ou qualquer outra coisa, sua atitude diante dos amigos, será de ocultar tal acontecimento, dizendo totalmente o contrário. Para evitar, assim, frases pejorativas travestidas de “brincadeiras”.

Estas brincadeiras são a concretude do poder de controle, que se estabelece sobre o ser masculino em nossa sociedade para que ele seja o sujeito dela e como tal, ele tem que saber tudo sobre sexo, para se diferenciar, pejorativamente, do ser feminino. Assim como, em uma relação antiga o homem tinha que ir ao “cabaré” para ter o conhecimento sexual do corpo feminino, sendo que a mulher, não perpassa por essa exigência, pois, por uma visão machista, ela tem que ser a pura, aquela que não é conhecedora de nada em relação a sexo e sexualidade.

O homem, na essência de sua sexualidade na sociedade ocidental, torna-se vítima da própria ordem na qual é sujeito, até por que o machismo no qual ele é o principal ator, acaba por marcar, o que chamaria metaforicamente como um “tiro pela culatra”, fazendo-o permanecer sem conhecimento sexual, por não poder dizer, que não sabe alguma coisa, ou até no sentido de conhecer melhor o seu corpo e ver que sente excitação em outras

partes que não sejam o pênis, sobre tudo a exemplo do ânus e mamilo; isso por que, tanto ele quanto as mulheres, acabam tendo a visão pejorativa de que estas partes são apenas para serem estimuladas do ser feminino e no ser masculino, torna-o por algum “passe de mágica”, em mulher ou até mesmo em homossexual, como se a linha entre ser *gay* e hétero fosse somente sentir excitação. “[...] Não de culpa que precisamos, mas de comunicação, de compreensão, de sensibilidade.” (MCCARTHY, p.19, 1981).

Assim, a sexualidade masculina torna-se esta ambiguidade e paradoxo social, como sujeito e vítima da própria sociedade patriarcal da qual ele acaba tanto por se orgulhar, mostrando para si mesmo, que pode ter questões compensatórias que não são verbalizadas ou compreendidas, por isso, ele depende de uma ruptura que possa estabelecer um melhor conhecimento de si próprio para melhorar substancialmente a sua relação com um terceiro, ou até mesmo, para que não haja conflitos psíquicos com ele mesmo, destruindo e acabando com a estrutura e ordem patriarcal e machista.

4. A ruptura da sexualidade masculina pela educação emancipatória

Tendo em conta o explanado nos capítulos anteriores, devemos marcar inicialmente uma relação direta entre a educação e a sexualidade, pensando principalmente em como ela deve agir em se tratando desta dialética, que trata diretamente com os indivíduos de maneira individual.

[...] Enquanto dimensão privilegiada do sujeito, do existencial, e ainda mais se considerarmos as rotulações e controles religiosos-morais históricos sobrepostos, a sexualidade só pode ser tratada de maneira profundamente próxima, densa de dignidade e humanismo, para ser eficaz e significativa. (NUNES, p.18, 1987)

É importante que a educação possa se apropriar da dignidade e humanismo, ao se tratar diretamente da sexualidade, seja ela de homens, mulheres e entre outros gêneros, deve ter em conta alguns pressupostos históricos e religiosos, que podem perpassar a identidade de gênero ou até sexual, criando dogmas morais estabelecidos de forma de controle, tanto social, quanto individual. Estas questões, podem ser o ponto de partida para que a educação possa marcar uma ruptura, que dialogue e interaja com a masculinidade, para que ela se sinta mais “livre” em nossa sociedade. “Nesse quadro, o

homossexual se viu definido pelo seu desejo por outro homem, desejo que o esvaziaria de sua masculinidade e o colocaria em confronto com sua própria natureza.” (CUNHA, p.26, 2019)

Acredito ser importante enfatizarmos que as proibições sexuais que existe sobre o homem não perpassam apenas pelo fato dele poder, a qualquer momento, se tornar homossexual por um “passe de mágica”, o que o permeia vai muito além do que isso, pois rege como ele deve agir no ato sexual, qual deve ser a sua posição masculina por sobre o outro indivíduo pelo qual está realizando o ato. Sempre deve ser a ação da penetração, até por isso, entre os homossexuais, existe o costume de chamar o passivo por nomes femininos, que pejorativamente seria diminuir este ser, mudando seu gênero de forma arbitrária sem que ele assim queira.

Outra questão que nos permeia é o fato de termos que ser exímios conhecedores das artes do sexo, como se fossemos, metaforicamente um “Marques de Sade” ambulante, cada um dos homens, tivesse que ter o conhecimento de tudo que está no Kama Sutra e ainda mais da anatomia da mulher e dele mesmo. Uma das vergonhas, que passam os homens e que é conhecida pelas mulheres é o fato de em sua maioria nunca encontrarem o clitóris, pois ele nunca tem em conta que é um órgão feminino que em cada uma delas é diferente em formas e tamanhos, o que acaba complicando e sendo uma vergonha masculina o fato de não saber onde está. Mas também, no lugar da mulher ensinar onde é o clitóris, muitas delas, acabam erroneamente fingindo o orgasmo, para em uma intenção machista, não falar para o parceiro que ele não é tão bom assim e deve aprender mais sobre o assunto.

A mulher em nossa sociedade, pode muito bem tomar a posição de “professora” no ato sexual, isso não pode ser uma “vergonha” para o homem, pois ele tem que ter em si a ideia de que na verdade não é um “Marques de Sade” ou um expert no assunto e que a mulher pode ter muito a ensiná-lo em se tratando de seu próprio corpo.

Mostrar, indicar e ensinar as partes do corpo feminino para o homem, não diminui a sua masculinidade, muito pelo contrário, melhora ainda mais a relação heterossexual, fazendo com que os dois se sintam satisfeitos e não só um, pois este ato deve ser uma troca de excitação um ato em grupo e não individual. Está é uma das consequências de uma masculinidade que pensa ser a entendida de tudo e que socialmente sente ter esta obrigação, o que o impede de ser aluno, pois a professora se sente impedida por vários motivos a mostrar para ele que não está realizando alguma coisa corretamente, por ser,

em algum sentido mirabolante, algo impossível de ocorrer e que se é apresentado pode ser dado como falta de respeito ou até infringir a masculinidade do parceiro.

A pergunta de que se um homem é realmente hetero, parece muitas vezes ser um conflito psicológico, tem uma grande relação social e histórica, como nos mostra Michel Foucault (1999), que o poder e a sexualidade andam lado a lado, como questões importantes para o entendimento da história humana e por isso, antes de iniciarmos uma resposta ao conflito masculino, temos que estabelecer uma diferença social, que ocorre devido ao passar do tempo, pois em um determinado momento, tal pergunta era menos realizada ou até mesmo “demonizada” pelos homens, que não podiam nem cogitar não serem heteros, o que mudou de alguma forma no século XXI. Claro que não totalmente, mas hoje em dia, é muito mais aceito do que antigamente.

Talvez sejam essas todas as características que se estabelecem para a relação dialética entre educação emancipatória e a ruptura entre as práticas sexuais masculinas, pois é, a partir dela, que ordens estabelecidas, como, por exemplo, caso um homem que se identifica como cis hétero, acabe realizando o que chamam de inversões de papéis, que é o caso de a mulher ter o papel da penetração e o homem de penetrado; algo que abala não só a ordem sexual do indivíduo, mas da própria sociedade. É possível, que este homem, acabe se perguntando: será mesmo que sou hétero?

Para responder a este conflito interno que se dá psiquicamente neste homem, pode ser uma ajuda, as reflexões pautadas pela educação emancipatória, que contextualiza fazendo-o refletir sobre sua identidade sexual, mostrando-o, se realmente o fato de ter sentido prazer com a penetração, marque a sua mudança de identidade ou não. Pois neste caso, o papel da educação, não é afirmar e resolver o problema da realidade deste indivíduo, mas sim, deixar com que ele, sozinho, tire essa conclusão.

Se este indivíduo, não tiver uma relação direta com uma educação inclusiva, que toque no assunto da sexualidade, pode ser, que assim como nos explica Paulo Freire (1967), é por meio da educação, que o ser humano consegue refletir sobre sua vivência. Ou seja, sem ela, o homem do exemplo permanecerá em sua dúvida e mais comum, seria que chegaria à conclusão mais comum da sociedade em que vive, que no caso da brasileira, irá se retrair, não expor seus prazeres no sexo e continuar tendo atitudes, tidas socialmente, masculinas.

O mais comum, mais corriqueiro, será que o indivíduo esconda o seu gosto e não discuta sobre, para que haja um entendimento, tanto conjunto, quanto individual do gosto pela penetração. Para tal, é importante que exista um espaço crítico e de diálogo por sobre as questões sexuais. Mesmo que essa relação possa ser conflitante, interna ou externamente ao indivíduo.

A ruptura nesse sentido, será feita pela educação emancipatória, por marcar um diálogo social entre o indivíduo do exemplo, outros indivíduos ou até mesmo um educando, mas que mostre a ele, que os seus gostos podem transcender a ordem social estabelecida do que deve ou não fazer o homem.

Parece que há na sociedade brasileira em questão, que é na qual tenho minha vivência, uma ordem de que o homem deve ser de um tipo específico, sendo aquele que coleciona mulheres com casos sexuais, o órgão genital maior, que tenha uma atitude especificamente masculina. É interessante pensar que quando mudei especificamente de vivências sociais, uma forma pela qual estive a vida toda acostumado, acabou por ser classificada como homossexual.

Isso talvez, marcando uma reflexão, possa ser porque nos diferentes grupos com os quais convivi, há estabelecido, de forma tênue, o que é hétero e o que é homossexual; o que se torna um dos caracteres maleáveis da identidade, que entram em conflito com as relações sociais.

Parece ser tão maleável, que as características se impõem como formas específicas em cada relação e isso dentro da mesma sociedade e da mesma cidade, que neste caso é a de São Paulo.

Outro ponto importante, é como se dão as conversas entre os homens e as diferenças que observei, nos grupos da capital que convivi, parecem não se importar tanto com o fato de ter saído com uma mulher específica e ter feito aventuras sexuais. Enquanto o outro queria apenas saber sobre as aventuras sexuais e não características psicológicas ou sociais.

Me parece, que para apresentar tais reflexões, creio que tenha sido importante para mim, ter tido um estudo em que reflito pelas minhas vivências, podendo marcar uma desapropriação, tornando-as como algo a se pensar na sociedade em que vivo, mesmo com as particularidades de minha realidade.

Estou assim estabelecendo uma reflexão, que ainda não chega a ser uma ruptura social, mas que pode ser pessoal, que me faça ver, que por mais que em um espaço me classifiquem como homossexual ou outro como hétero, eu tenha sobre mim, a “concretude” de saber exatamente o que sou, independentemente de como me vejam e isso acaba sendo algo muito difícil para o homem, assim como, querendo ou não, foi particularmente para mim entender o que sou.

Para o homem atual, continua sendo difícil saber quem é e ter sua identidade, tendo medo de se mostrar à sociedade em que vive, parece que o social perpassa o individual, dominando-o e controlando-o como é especificado pelas relações sociais em que vivem.

Seria possível, que as pessoas aprendam, por meio da educação, a não tirarem conclusões sem reflexão prévia, pois isso, por si só é o que chamo de senso comum, por mais que seja mais um meio de conhecimento que está vinculado diretamente com a realidade de cada um, sem reflexão alguma ou crítica. Aquele que não reflete está sujeito ao julgamento, que é uma conclusão tomada sem vínculo reflexivo diretamente para com uma pessoa.

Parece que o papel da educação, marca-se pela ruptura social de tudo aquilo exposto estruturalmente, sendo analisado de forma crítica e reflexiva, para que, desta forma, todos os indivíduos envolvidos possam entender melhor a sua sexualidade e assim, poder conviver melhor consigo mesmo ou com seus parceiros, sublevando tudo aquilo que o caracteriza como algo pejorativo.

Como nos mostra Michel Foucault (1999), existe historicamente um poder e controle por sobre as questões sexuais, pois elas modificam com o passar dos anos, pensando no caso, minha vida sexual, é extremamente diferente da de meus avós, pois não só os conhecimentos, mas as formas de se conhecer foram mudando drasticamente com o passar do tempo. Pensando neste sentido, a sexualidade depende diretamente da educação, não para que haja um entendimento de doenças sexualmente transmissíveis ou de algo exclusivamente biológico, como vemos constantemente nos dizendo, pois é bem mais fácil dizer para usar camisinha do que mostrar as proibições e controles sociais ainda expostos socialmente, independente do gênero que o indivíduo se identifique.

Ou seja, podemos apresentar o papel da educação emancipatória como o de apresentar aos indivíduos de forma reflexiva, as mudanças estabelecidas socialmente ao

controle de seus corpos, mudanças essas que podem ter sido protagonizadas por ela para que fossem ocorrendo essas mudanças.

A mudança social da sexualidade de forma histórica se dá com pôr e para um único agente, a educação, mas isso não muda o fato de que ainda, ela tenha muito o que mudar seja sobre qualquer um dos gêneros existentes na sociedade.

Com o passar do tempo a educação acaba por fazer com que o homem entenda que o mito, em que ele poderia fazer o que quisesse, que mantém certas ideias explanadas anteriormente de como ele deve ser, começam a entrar em conflito, a passos curtos, percebe que realmente tal experiência, seria de fato um mito, como nos apresenta Pedro Ambra (2019), “como uma farsa”, essa que com suas especificidades, começaram de algum modo a serem reconhecidas, com a modernidade e as distinções estabelecidas pela pós-modernidade e a globalização. “[...] Pelas suas características, a educação libertadora questiona concretamente a realidade das relações do homem com o mundo e com os outros homens, buscando uma transformação” (FAGUNDES, p.9, 2014)

Somente a educação, com seu caráter libertador e emancipador, – que acabam se aproximando como se fossem sinônimos nas definições que realizamos anteriormente, por meio de uma dialética entre os conceitos, – poderá fazer com que os homens percebam que o mito em que se baseiam na nossa sociedade machista e patriarcal, é nada mais do que uma farsa, o que pode se tornar libertador para os seres.

5. Considerações finais

Antes de concluir o explanado até então por este artigo, acredito ser importante marcar uma pequena passagem pelas principais reflexões.

[...] Homem é, também, o principal beneficiário de uma cultura patriarcal que violenta e mata mulheres, além de gozar de liberdades e benefícios que vão desde o direito à cidade, ao corpo próprio, até a uma diferença salarial – presente em todos os cargos, níveis de atuação e escolaridade –, que chega, no Brasil, a 53%. (AMBRA, p.17, 2019)

Iniciando pelo fato de que o homem tem uma posição social privilegiada dentro da sociedade patriarcal e machista em que vivo e vivemos, mas que, como mostram minhas vivências e exemplos, ele acaba tendo o exemplo em si de um "tiro pela culatra"

ou "tiro no pé", pois tudo aquilo que os homens estabeleceram de ordem social, acaba resvalando nele, quando se fala de sexualidade masculina.

Isso, porque, claro, tudo aqui que o homem, como sujeito estabelece, pode acabar sendo caracterizado por tudo aquilo que na verdade caracterizaria o ser feminino, abalando as crenças individuais.

Outro ponto, é que estas características, que ele estabeleceu, como a sodomização, tida como prática apenas do público feminino e homossexual, acabam por serem abaladas pela educação. Pois é ela, quem de alguma forma, marcou a ruptura histórica de tudo aquilo que em um determinado momento foi controlado, é com o passar do tempo e demasiada reflexão, que apareceram questões distintas, que não nos deixam negar; uma delas, que favorece até mesmo o ser masculino como nos mostra McCarthy (1981), o feminismo, que nos apresenta a igualdade entre os gêneros, abalou as estruturas patriarcais, igualando não só de maneira política, mas principalmente de maneira sexual.

Penso nisso, quando particularmente estou mais disposto a perguntar e tirar dúvidas sobre os corpos femininos ou questões sexuais que não conheço, talvez, meus pais e meus avós, não tenham tido esta liberdade.

Liberdade, assim como nos apresenta Paulo Freire (1967), é a forma da educação de tornar o ser crítico e pensante de sua própria realidade, sendo este movimento além de libertador, também emancipatório e por isso, é nesta forma "cirúrgica" que se estabelece em relação a sexualidade masculina, fazendo o homem refletir sobre sua identidade em meio a uma sociedade que controla os corpos e suas ações.

A educação abala tais caracterizações, pois é por meio dela que se dá a reflexão pessoal e de grupo dos acontecimentos e vivências da realidade. Que pode acabar emancipando tais ideias, além de deixar explícitas algumas questões que podem acabar ficando implícitas, ações pelas quais os indivíduos, sem perceber que são resultado do controle social sobre seus corpos perpetuado pela sociedade em que estão inseridos.

Podemos concluir, portanto, que a ruptura da sexualidade masculina, é estabelecida pela educação emancipadora, quando ela estabelece uma desestruturação por meio da reflexão, entre educadores e educandos, de tudo aquilo que a realidade impõe aos indivíduos como "verdade" ou como ordem estrutural estabelecida na sociedade, marcando uma mudança que ocorre lentamente.

6. Referencias

- ADORNO, Theodor W., Educação e emancipação. IN: Educação e emancipação. Editora Paz e terra, 1969.
- AMBRA, Pedro, Cartografia da masculinidade: do mito aos horizontes de desconstrução. Revista Cult, Num. 242, Cartografias da masculinidade, 2019.
- CUNHA, Eduardo Leal, A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino. Revista Cult, Num. 242, Cartografias da masculinidade, 2019.
- FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho, Sexualidade, Gênero e Poder – educação numa perspectiva emancipatória. Revista espaço acadêmico[online], 2014.
- FOUCAULT, Michel, A hipótese repressiva. IN: História da sexualidade I: A vontade do saber. — 13ª Ed. — Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.
- FREIRE, Paulo, Educação como prática da liberdade. Paz e terra: Rio de Janeiro, 1967.
- GOMES, R. A sexualidade masculina em foco. In: GOMES, R., org. Saúde do homem em debate [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.
- LOURO, Lopes Guacira, Pedagogias da sexualidade. IN: O copo educado. LOURO, Lopes Guacira, org., 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.
- MCCARTHY, Barry O que você (ainda) não sabe sobre a sexualidade masculina. São Paulo: Summus, 1981.
- NUNES, César Aparecido, Desvendando a sexualidade. Campinas: Papyrus, 1987.